

ELEMENTOS PARA A CONSIDERAÇÃO DA MATERIALIDADE PROSÓDICA NA CONSTITUIÇÃO DO ARQUIVO

ELEMENTOS PARA LA CONSIDERACIÓN DE LA MATERIALIDAD PROSÓDICA EN LA
CONSTITUCIÓN DEL ARCHIVO

ELEMENTS FOR THE CONSIDERATION OF THE PROSODIC MATERIALITY IN THE
CONSTITUTION OF THE ARCHIVE

Luciana Iost Vinhas*

Universidade Federal do Rio Grande

RESUMO: O presente trabalho realiza uma reflexão sobre a consideração da materialidade prosódica na constituição do arquivo. Tem-se como pressuposto que a materialidade prosódica, assim como as palavras, expressões e proposições, pode funcionar como materializações do discurso e, por conseguinte, materializações da ideologia. É através do vínculo entre prosódia, arquivo e memória afetivo-discursiva que se pode observar uma irrupção no espaço da repetição discursiva no seio da Análise do Discurso, base teórica da presente discussão. Toma-se como exemplo um acontecimento enunciativo envolvendo cabos do Corpo de Bombeiros em junho de 2011, no Rio de Janeiro, os quais entoaram o hino da corporação de maneira não prevista pelo ritual do qual faziam parte. É com isso que se conclui assumindo a importância da materialidade fonético-fonológica para a constituição do arquivo, visto que pode ser ponto de deriva e, por ser opaca, permite o surgimento de mais de uma interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Materialidade prosódica. Análise do Discurso. Arquivo.

RESUMEN: En este trabajo se hace una reflexión sobre la consideración de la materialidad prosódica en la constitución del archivo. Tenemos como presuposición que la materialidad prosódica, así como las palabras, las expresiones y las proposiciones, puede funcionar como formas de materialización del discurso y, por lo tanto, como formas de materialización de la ideología. Es a través de la relación entre la prosodia, el archivo y la memoria afectivo-discursiva que se puede ver una irrupción en el espacio de la repetición discursiva en el análisis del discurso, base teórica para esta discusión. Tenemos como ejemplo un evento de enunciación con los bomberos en junio de 2011, en Rio de Janeiro. Ellos cantaron el himno de la empresa de una manera no prevista por el ritual.

*Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunto I de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: lucianavinhas@gmail.com.

Assí llegamos a la conclusión de que la materialidad fonético-fonológica es importante para la constitución del archivo, ya que puede ser un punto de deriva y, por ser opaca, permite el surgimiento de más de una interpretación.

PALABRAS CLAVE: Materialidad prosódica. Análisis del Discurso. Archivo.

ABSTRACT: This paper reflects on the consideration of the prosodic materiality in the archive's constitution. We have presupposed that prosodic materiality, as well as words, expressions and propositions, can work as can work as discourse materializations, and consequently as materializations of an ideology. It is through the link among prosody, archive and affective-discursive memory that we can observe an irruption in space of the discursive repetition in Discourse Analysis, the theoretical base for this discussion. We can take as an example an enunciation event involving Fire Service corporal in June 2011, in Rio de Janeiro, Brazil, who chanted the corporate anthem in a manner unpredicted by the ritual of which they were part. With that, we have reached the conclusion that the phonetic-phonological materiality for the constitution of the archive is indeed important, since it might be seen as a drift point, allowing the development of more than one interpretation of the same fact.

KEYWORDS: Prosodic materiality. Discourse Analysis. Archive.

Ce qui, à un moment donné, fait irruption dans l'espace de la répétition discursive, ce qui y vire ou y bascule, ne résulte pas de n'importe quelle brisure, torsion ou retournement.

Et c'est en cela que les effets discursifs relèvent d'une matérialité spécifique, à propos de laquelle on ne peut, derechef, pas dire n'importe quoi.

Mais parvenir à articuler ainsi du vrai à propos des matérialités discursives ne va pas sans déplacements de frontières entre les disciplines, affectant profondément leur régime de vérité, en tant qu'elles y sont provoquées par leurs marges.

Michel Pêcheux (1981, p. 13).

1 INTRODUÇÃO

Fato estranho foi presenciado no dia 6 de julho de 2011. A cerimônia de formatura de cabos do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro foi marcada pela presença de ruídos atípicos ao ritual. Os formandos, ao entoarem o hino do Corpo de Bombeiros¹, o fizeram de *forma agressiva e inadequada*². Tal constrangimento, ou seja, o hino cantado *fora do tom*, ocasionou uma reação do Comando: os 63 cabos deveriam preencher um memorando justificando a *irregularidade*.

Esse fato só se tornou notícia devido à forma como os cabos entoaram o hino³. Um ponto de deriva (uma brecha – na língua, na memória – para o deslocamento de sentidos) foi encontrado pelo grupo de cabos durante a cerimônia de formatura. Sendo assim, parece que algo está aí significando, isto é, algo de uma ordem que não pode (e não deve) ser justificada através de um memorando.

Com base no referido acima, torna-se importante para as reflexões sobre a materialização do discurso na linguagem a consideração desse indício fonético-fonológico na constituição do arquivo, já que ele também atua no processo de produção dos sentidos. Esta é a premissa que dá base para o presente texto, compreendendo o arquivo como “[...] campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 2000, p. 51), sendo ordenado por sua abrangência social (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2000).

Destarte, aqui será feito um trabalho de reflexão acerca da prosódia no funcionamento discursivo e da pertinência de essa materialidade ser considerada na constituição do arquivo. Tendo por base os pressupostos da Análise de Discurso na tradição de Michel Pêcheux, a discussão será desenvolvida em torno de dois questionamentos: (i) Como se caracteriza a materialidade

¹ A transcrição do hino pode ser observada no Anexo.

² As expressões grifadas foram retiradas da notícia que relatou o ocorrido (VICTOR, 2011). Ela pode ser lida no Anexo.

³ “NEM UM passo daremos atrás”, publicado em 6 jun. 2011.

prosódica?; e (ii) Qual é a importância da materialidade prosódica para a constituição do arquivo? São essas as questões que norteiam o trabalho.

2 O ASSUJEITAMENTO E A RESISTÊNCIA: A VOZ COMO MATERIALIDADE

Para iniciar o debate sobre a relação entre a Análise de Discurso (AD) e a materialidade prosódica, vale referir que um dos pressupostos básicos do dispositivo é que “se as ideologias têm uma ‘existência material’, o discursivo será considerado como um de seus aspectos materiais” (COURTINE, 2009, p. 72), isto é, a ideologia se materializa no discurso. Por sua vez, a linguagem materializa o discurso, sendo que o responsável por colocar o discurso em movimento é o sujeito. Aí está o tripé de conceitos que constituem o aporte teórico-metodológico da AD: é no ponto de contato entre a ideologia, a linguagem e o sujeito que emerge o discurso.

Outro conceito fundamental para a teoria é o de interdiscurso, onde estão presentes todos os saberes, o *complexo com dominante das formações discursivas* (PÊCHEUX, 2009). Ele abriga diferentes formações ideológicas, cuja materialização se dá pelas instituições. Como disse Pêcheux (2009), nessas formações ideológicas estão presentes diferentes formações discursivas compondo um quadro de saberes que podem circular nas instituições. Justamente por existir mais de uma formação ideológica e mais de uma formação discursiva, os saberes do interdiscurso a elas vinculados podem estar em conflito, ou seja, a contradição pode emergir na relação entre essas formações. Esse jogo de forças se dá pela contradição como forma de produção, reprodução e transformação dos discursos. Assim é a forma como a história age no processo de produção dos discursos.

A contradição determina a existência de uma tensão entre os saberes, materializados na linguagem pelos sujeitos. Então, torna-se importante relacionar as noções de interdiscurso e de intradiscurso. Conforme aponta Courtine (2009), os processos de interpelação acontecem na relação entre o interdiscurso de uma formação discursiva e o intradiscurso de uma sequência discursiva, e é na relação entre esses dois eixos que ocorre a articulação entre discurso e língua. Sobre isso, vale trazer a afirmação de Indursky (2003, p. 103, grifos da autora): “[...] nesse ponto de encontro de uma memória (o interdiscurso) com uma atualidade (o intradiscurso) instaura-se o *efeito de memória*: os sentidos são rememorados, atualizados, re-significados”.

Na relação entre a estrutura vertical (INDURSKY, 2003), onde estão os saberes que podem e devem ser atualizados, e a estrutura horizontal, o intradiscurso, os discursos são atualizados, e esse ponto de encontro entre uma memória com uma atualidade é entendido como o acontecimento. Isso significa que os saberes presentes no interdiscurso, organizados nas formações discursivas, são retomados no momento da emergência da estrutura horizontal, quando os sentidos passam a circular no fio do discurso. Nessa horizontalidade, segundo Ferreira (1999), a sintaxe operaria papel essencial no acesso ao acontecimento discursivo. Tal ponderação aponta para a deriva como parte desse processo: através da sintaxe ocorreria a materialização da emergência do inesperado, da deriva.

Neste ponto, podemos lembrar de um dizer encontrado no Anexo III da obra *Semântica e Discurso* de Pêcheux (2009): não há ritual sem falhas. O exemplo trazido acima, referente à formatura do Corpo de Bombeiros, revela que, na constituição, formulação e circulação dos sentidos (ORLANDI, 2005), não existe controle, pois a linguagem, por ser opaca, não prevê a manutenção dos sentidos. Isso significa que o sentido sempre pode ser outro. A linguagem, em toda a sua imperfeição e desorganização, abre espaços para o imprevisível. No ritual de apropriação dessa materialidade com falhas, todo o processo de constituição dos sentidos (e dos sujeitos) também falha. É a falha, tanto como *gap* da linguagem quanto como imprevisão de sentidos, que possibilita a transformação.

Tal aspecto da Análise do Discurso encontra raiz na obra *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Nela, Pêcheux (2006, p. 53) afirma que “[...] todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso”.

A partir da afirmação de Pêcheux refletimos sobre uma possibilidade de deriva – uma deriva relacionada à voz. Destacamos que ela pode ocorrer através de diferentes materialidades, não só léxico-sintaticamente determinadas. Muitas reflexões têm sido feitas em torno de materialidades outras a partir das quais o discurso poderia ser analisado, já que uma das bases da Análise do Discurso é a teoria marxista, isto é, a filosofia da práxis. Boa parte desses estudos visa a agregar as imagens; no entanto, parece que ainda há lugar para se pensar sobre algo próprio da linguagem verbal, sem a qual a constituição do sujeito estaria afetada. Trata-se da materialidade prosódica, compreendendo-a como constituinte linguístico acima da linearidade da sentença, apreensível somente na oralidade.

Parece que da prosódia ecoa a possibilidade de emergência de outro tipo de relação com a história e com o inconsciente. Trata-se de uma relação extremamente instável, imprevisível, que traz à tona sentidos que não podem (e não devem) circular a partir de uma sequência léxico-sintaticamente descritível, podendo fazer emergir a singularidade do sujeito (SOUZA, 2009). Os recursos prosódicos empregados pelo sujeito revelam o caráter de incompletude da linguagem.

Orlandi (2005, p. 111), ao falar sobre a pontuação, pensa sobre alguns elementos importantes que podem fazer parte da reflexão sobre a materialidade prosódica. A autora refere que “locus de tensão entre a formulação (atualidade) e a constituição (memória), a pontuação denuncia o movimento contínuo do texto entre Unidade e Dispersão (E. Orlandi, 1988), entre paráfrase e polissemia (E. Orlandi, 1983)”. A pontuação, assim como a sintaxe, para Ferreira (1999), teria a tarefa de materializar a emergência do acontecimento, rompendo com o eixo da repetibilidade dos saberes.

Além disso, afirma-se que diferentes recursos de pontuação empregados na tessitura do texto evidenciam a atuação do esquecimento número 2, ou seja, o sujeito tem a ilusão de controlar os processos enunciativos e, como se fosse possível, o texto teria uma unidade coerente e completa, pronta para ser acessada por outro interlocutor que a interpretará assim como o sujeito o previu.

Considerar a prosódia na Análise do Discurso conduz ao questionamento sobre a relação entre o imaginário e o real. É possível afirmar que o efeito causado pelo esquecimento número 2 também acontece na materialidade prosódica. Isso pode ser observado, por exemplo, no discurso político. Nele, os sujeitos aplicam uma força entonacional maior em determinados elementos linguísticos, na tentativa de controlar o sentido. Sobre essa temática, Piovezani (2009, p. 356), cujo estudo versa sobre o discurso político-eleitoral televisivo como um tipo de fala pública, menciona que “[...] a voz do político profissional é, ao mesmo tempo, o fragmento sonoro de uma subjetividade e o coro institucional de vozes que o sustenta”.

O sujeito do discurso político precisa, no enlace entre o político e o linguístico, adequar o volume de sua voz; isso poderá acarretar diferentes efeitos de sentido (PIOVEZANI, 2009). No entanto, apesar desse esforço do sujeito, por a linguagem não ser completa e ser aberta para o equívoco, essas mesmas tentativas de controle do sentido pela prosódia podem resultar em deslizamentos que evidenciam a contradição e dão abertura para a circulação de outros sentidos.

Desse modo, a oralidade traz um elemento importante para essa tentativa de alcançar o Real, considerado, nas palavras de Soler (2010, p. 67), como o “[...] impossível de se inscrever numa arquitetura significante ou formal”, visto que, por ser o impossível, nós somente nos *deparamos com ele, damos de encontro com ele, o encontramos* (PÊCHEUX, 2006, p. 29). *Debruar-se* com o real acontece, então, através de uma materialidade, podendo ela ser a materialidade prosódica.

Sendo assim, além de se encontrar um elo entre o Imaginário e o Real, pode-se tecer alguns comentários sobre a relação entre o Simbólico e o Real a partir da prosódia. Para isso, é importante mencionar Ferreira (1999, p. 64, grifos da autora). A autora, tratando sobre aquilo percebido por Saussure no âmbito da sintaxe (uma flutuação entre a liberdade individual e o fixado pela língua), diz

Isto significa que é possível jogar na Sintaxe *com* o plano do imaginário (ao nível da organização da língua) e com o plano do simbólico (ao nível da ordem do discurso). Isto é: tanto se pode brincar com as regras (dentro do seu ordenamento estabelecido), quanto se pode brincar *sobre* elas (buscando subvertê-las).

Todo esse jogo está sempre ocorrendo por uma tentativa inconsciente do sujeito de ir ao encontro do impossível, daquilo que provocará a ruptura no eixo das repetições mantido pela ideologia. A prosódia parece ser um lugar onde se pode brincar com as regras e provocar deslocamentos. Os formandos do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro assim o fizeram: ao invés de instaurarem a polissemia no eixo sintagmático, trouxeram a subversão através do nível prosódico.

Parece que, por esse ponto de vista, a relação entre história e inconsciente acontece de outra forma no que tange à prosódia. Tal pensamento vai ao encontro do proposto por Souza (2009, p. 15), cujo estudo objetiva “[...] tocar a voz como dimensão subjacente ao discurso, contraparte temporal e material da enunciação que possibilita a aparição do sujeito”. O autor ainda menciona que entende a “[...] voz como acontecimento enunciativo que se singulariza no limiar de uma discursividade” (SOUZA, 2009, p. 15). Por isso a relação com a história e com o inconsciente é diferente, ou seja, ela acontece pela singularização. Retomamos, assim, as palavras de Piovezani (2009), quando diz que a voz é fragmento de uma subjetividade e da instituição: assujeitamento e resistência convivem na voz como materialidade (da ideologia e do desejo), e abrem mais espaço para a emergência da singularidade.

3 ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS NA MATERIALIZAÇÃO DOS DISCURSOS

Torna-se importante tratar um pouco mais sobre os aspectos que estruturam a parte fonético-fonológica da linguagem. Em primeiro lugar, vale dizer que, como não estamos considerando a divisão saussuriana entre língua e fala, não seria condizente com o presente estudo falar somente em “aspectos fonológicos da linguagem”, visto que essa assunção conduziria a uma base estruturalista sobre a compreensão da língua. Apesar de se pensar em “estrutura” ao se referir à base linguística, essa estrutura é passível de falhas, e não diz respeito somente a um nível abstrato e social. Pensar a prosódia como materialidade significante significa considerá-la em sua manifestação oral, compondo um enunciado único e irrepitível, por isso ela é considerada como um componente fonético-fonológico das possibilidades de materialização do discurso.

Então, temos como princípio, na presente reflexão, que os discursos podem ser retomados tanto em sua materialidade linear como em sua materialidade suprasegmental, ou seja, em um nível prosódico, acima da linearidade. Isso significa que não só discursos podem ser atualizados-lembrados-esquecidos-recalcados a partir da prosódia, mas, também, podem acontecer deslocamentos por ela. Assim como o léxico e a sintaxe, a prosódia, enquanto nível suprasegmental da linguagem verbal, situada acima da linearidade da sentença, aponta para a deriva.

Dorow (2002, p. 69), ao analisar a prosódia no discurso do tribunal do júri, percebe uma relação com a ironia, e menciona que “[...] a ironia assinala o ritmo de um outro dizer, através do qual se instaura um novo significado que não está dito, mas que está implícito”, e foi através do acento secundário que ela desenvolveu a sua análise.

Vale, então, para esse momento do estudo, trazer que a prosódia (como materialidade significante) é estruturada de acordo com uma hierarquia, a qual pode ser observada em (01). Nos diferentes elementos que compõem essa hierarquia podem estar relacionados fatores de ritmo, entonação, velocidade de fala e qualidade de voz; contudo, não se pode esquecer que as formulações estão relacionadas às condições sócio-históricas de produção do discurso.

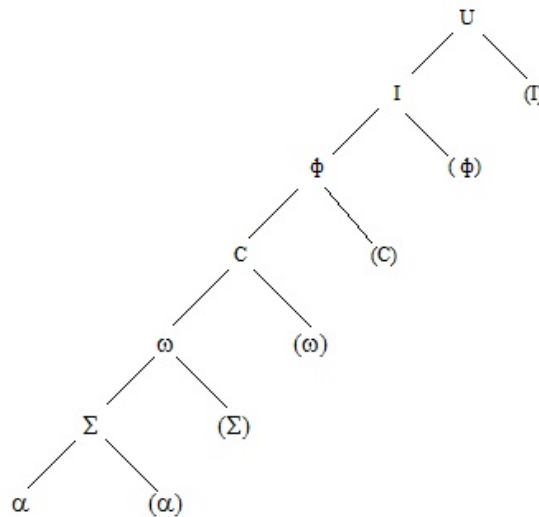
(01) Hierarquia prosódica, de acordo com a teoria de domínios de Nespor e Vogel (BISOL, 2005):

CONSTITUINTE SÍMBOLO

enunciado	U (do inglês <i>utterance</i>)
frase entonacional	I (do inglês <i>intonational phrase</i>)
frase fonológica	ϕ
grupo clítico	C
palavra fonológica	ω
pé	Σ
sílaba	σ

Os constituintes prosódicos são compreendidos como unidades linguísticas complexas, formadas de dois membros. Entre eles, é estabelecida uma relação dominante/dominado (BISOL, 2005). Cada um dos constituintes elencados em (01) é formado pela combinação de um ou mais constituintes localizados mais abaixo na hierarquia prosódica, entre os quais ocorre uma relação de dominância. No domínio do pé métrico, por exemplo, existe relação de dominância entre as sílabas que o constituem, a qual fica mais bem visualizada em (02).

(02) Representação da hierarquia prosódica através de um diagrama arbóreo (BISOL, 2005).



Relacionando as considerações acima expostas à materialidade fonético-fonológica entoada pelos formandos do Corpo de Bombeiros, pode-se dizer que existe uma diferença na força entonacional atribuída a um verso do hino. Sobre a força entonacional, pode-se dizer que ela indica o direcionamento de sentido pretendido pelo sujeito (assujeitado), fazendo com que seu interlocutor enfoque na palavra em relevo.

A fim de operar uma breve análise do enunciado dos formandos do Corpo de Bombeiros, selecionamos o primeiro enunciado do hino para realizar uma comparação. O primeiro enunciado, “Contra as chamadas em lutas videntes” é entoado conforme ditado pelo ritual, ou seja, a prosódia não revela nenhum deslocamento em relação à formação discursiva dominante, aquela que interpela os sujeitos dentro da instituição militar.

No primeiro enunciado, a cadência do hino é, como em uma marcha, marcada prosodicamente. A entonação é mais forte nas sílabas portadoras do acento primário, isto é, nas sílabas com o acento mais forte da palavra, como pode ser observado em (03).

(03) Organização prosódica do enunciado “Contra as chamadas em lutas videntes” quanto à divisão em pés métricos.

Contra as chamadas em lutas videntes

con tra as cha mas em lu tas vi gen tes

(* ●) (* ●) (* ●) (* ●)

O símbolo (*) indica que a sílaba apresenta o acento primário e é dominante em relação ao seu par. Observa-se, dessa forma, que o enunciado é constituído de três palavras dissílabas, duas palavras monossílabas e uma palavra trissílabas. No domínio do pé métrico há quatro pares dominante/dominado que podem ser observados: “contra”, “chamas”, “lutas” e “gentes”, na palavra “videntes”. Em todos esses pares, a dominância acontece na segunda sílaba da esquerda para a direita, ou seja, trata-se, em todos os casos, de palavras paroxítonas, e essa é a sílaba que possui o acento primário.

O importante a observar com relação a esse enunciado (e com relação a todos os outros que compõem o hino) é que, ao ser entoado, essa relação de dominância é acentuada, visto que maior força entonacional é atribuída às sílabas que possuem o acento primário. O ritual revela que esse aspecto deve ser repetido para que o efeito de sentido seja mantido.

Contudo, apesar de a relação daquele grupo de sujeitos com a história revelar a necessidade de o ritual ser mantido, houve uma falha. No enunciado “Nem um passo daremos atrás”, as sílabas com o acento primário ainda foram marcadas com maior força entonacional; no entanto, todo o enunciado foi entoado com um volume muito superior ao dos outros enunciados do hino, causando um estranhamento. Aí, nesse deslocamento operado na formulação dos enunciados, houve uma diferença na circulação dos sentidos: uma diferença que não havia sido prevista, que não é condizente com a repetibilidade pretendida pela instituição.

Com esse exemplo é possível trazer que as modalidades de funcionamento subjetivo, a saber, a identificação, a contraidentificação e a desidentificação (PÊCHEUX, 2009), são evidenciadas através do funcionamento da prosódia. O volume em que o hino foi entoado no verso citado causou estranhamento e revelou a emergência de um acontecimento enunciativo. Isso significa que a entonação de forma *agressiva e inadequada* do verso “nem um passo daremos atrás” retoma saberes do interdiscurso, os quais não estavam presentes na formação discursiva, revelando a emergência de outra posição sujeito na formação discursiva e a contraidentificação com ela.

Essa inscrição de um elemento do interdiscurso no intradiscurso não só acontece pelo encaixe sintático, mas pelas marcas identificadas na prosódia. Como exemplo, pode-se citar o primeiro enunciado do hino do Corpo de Bombeiros: na entoação do primeiro verso, “Contra as chamas em lutas vigentes”, houve a incorporação dos saberes do interdiscurso na prosódia, visto que o ritmo cadenciado pelos formandos revelou o assujeitamento à formação discursiva que os interpela. Contudo, o interdiscurso inscreveu-se de forma a contradizer os saberes da formação discursiva dominante no verso “Nem um passo daremos atrás”, pois, através da diferença prosódica (e não léxico-sintática), houve a emergência de um discurso de outro lugar, de um discurso interdito, na formação discursiva que estava, até então, *aparentemente* sem contradições.

4 A MATERIALIDADE PROSÓDICA NA CONSTITUIÇÃO DO ARQUIVO

Vamos seguir nossa reflexão utilizando o exemplo da formatura dos cabos do Corpo de Bombeiros e, nesse momento, será dedicado um espaço para se pensar sobre a constituição do arquivo e a materialidade prosódica. Antes disso, vale retomar alguns elementos referentes às condições de produção do discurso, tanto estritas quanto amplas (ORLANDI, 2003).

No início de maio de 2011, começou um movimento dos bombeiros do Rio de Janeiro por reajuste de salários. Há vários meses os bombeiros já tentavam negociar com o governador Sergio Cabral, mas sem sucesso. Sendo assim, no início do mês de junho, eles decidiram entrar em greve. Realizaram manifestações na cidade e, no dia 3 de junho, ocuparam o Quartel Central do Corpo de Bombeiros. Foi um protesto pacífico, e os oficiais optaram por permanecer no local devido à inviabilidade de diálogo com o governo do Estado.

No entanto, na manhã do sábado, dia 4 de junho, o protesto foi reprimido pela polícia e 439 bombeiros foram detidos pelas forças do Batalhão de Choque e do Bope. Foram, inclusive, usadas bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo. Quem determinou a intervenção foi o governador Sergio Cabral. Após a prisão, mais manifestações aconteceram no Rio de Janeiro, e os próprios bombeiros detidos entraram em greve de fome.

Nesse momento, aos bombeiros não foi permitida comunicação com os advogados, e lhes foi dito que poderiam ser condenados a doze anos de prisão, tendo sido acusados de motim, danos ao bem público e impedimento de socorro. No dia 10 de junho, foi concedido o *Habeas corpus* aos bombeiros, pedido feito por políticos.

Essa remissão aos acontecimentos envolvendo o Corpo de Bombeiros é essencial para se compreender o processo de contraidentificação através da materialidade prosódica enunciada pelos formandos no dia 6 de julho de 2011. Assim como não há

ritual sem falhas, não há fumaça sem fogo; isto significa que o analista do discurso será sempre impulsionado a buscar a relação da materialidade com a história, visto que o seu *corpus* de análise é efeito de um processo sócio-histórico. Sendo assim, a análise se pauta na busca das causas daquilo que foi dado como evidente.

“Nem um passo daremos atrás” atualiza uma memória referente aos protestos dos bombeiros do Rio de Janeiro em busca de melhores condições de trabalho. No entanto, a voz dos formandos vai além: ela também traz à tona o ato de repressão do governo do Estado frente aos protestos, especificamente no enunciado do hino em que afirmam não recuar. Agora, pela diferença prosódica, o enunciado possui outra significação, pois se articula com outros efeitos de sentido. O enunciado é reconfigurado ao ser relacionado a essas memórias, e não mais significa no interior do hino do Corpo de Bombeiros, pois passa a adquirir outros sentidos ao entrar em confronto com a resistência dos bombeiros e com a censura do governo.

A análise mostra que pensar em um movimento teórico-metodológico em Análise de Discurso requer um caminho em espiral (ROMÃO; GALLI; PATTI, 2010), constituído por idas e vindas, proximidades e afastamentos, em relação ao arquivo e à memória, ressaltando que são intangíveis. No entanto, sempre que acontece uma aproximação ou um retorno, nunca o movimento é para o mesmo lugar. Se assim fosse, o caminho seria pendular, mas, por ser em espiral, sempre há um deslocamento, é impossível voltar a ser o mesmo.

Sendo assim, o processo de construção do arquivo, conforme Romão, Galli e Patti (2010, p. 125), envolve “a ‘técnica de consignação’, ou seja, o princípio de reunião, organização e exclusão de dados, o que para nós é indício de que o ato de inscrever corresponde o de apagar, ao movimento de instituir no arquivo um sentido, outros precisam ser abandonados”. Aí podemos relacionar o arquivo ao trabalho que está aqui sendo desenvolvido acerca da prosódia. Cabe considerar nas análises de textos orais a materialidade prosódica, pois, como já se viu, ela é indício essencial para a observação dos processos discursivos. Abandoná-la significa não considerar um ponto essencial para a análise.

Há pesquisas que consideram questões referentes ao ritmo da fala na materialidade, mas tais questões, por nós consideradas basilares, não têm, geralmente, papel relevante para a análise. Esse esquecimento do analista traz dois efeitos de estabilização: o de totalidade do arquivo e o de já-sabido da memória (MITTMANN, 2008). Como foi visto no exemplo trazido, a prosódia permite uma ampla reflexão sobre o processo de constituição dos sentidos e dos sujeitos, e deve, nos trabalhos com textos orais, constituir o arquivo. Parece que a prosódia, além de trazer à tona a singularidade do sujeito, está mais relacionada a uma memória *afetiva*.

Antes de nos retermos nessa ideia, podemos começar a pensar sobre a noção de memória trazendo dois tipos de memórias presentes no aparato conceitual da Análise do Discurso: a memória discursiva e a memória institucionalizada. A memória discursiva diz respeito a uma “[...] estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’” (PÊCHEUX, 2007, p. 52). Por outro lado, a memória institucionalizada, conforme Orlandi (2003 apud ZOPPI-FONTANA, 2005), seria a memória de arquivo, cujo efeito é de fechamento, de estabilização e de atestação dos sentidos, possuindo, portanto, o efeito de completude, ao contrário da memória discursiva, caracterizada como lacunar.

Dito de outra forma, a memória discursiva seria uma região do interdiscurso que restringiria os saberes que podem ser acessados pela formação discursiva. Ela estaria situada, então, entre a formação discursiva e o interdiscurso. Já a memória institucionalizada possuiria relação com a formação ideológica, visto que comporta todos os saberes que devem ser vinculados às instituições, tendo a aparência de completude.

Dias (2005, p. 45) menciona que “[...] a leitura discursiva deve considerar o arquivo em seu fluxo histórico, em sua memória discursiva. E nisso consiste o cruzamento da memória constitutiva com a memória de arquivo”. No entanto, para melhor compreender o arquivo na AD, deve-se ir além e considerá-lo em relação com outra memória, que não só dá espaço para o esquecimento como, também, não somente está relacionada a saberes.

A memória a que fazemos referência permite tanto a lembrança de saberes quanto a lembrança de afetos. Trata-se da “memória afetivo-discursiva” (SILVA, 2010). O presente trabalho, ao articular os ecos da prosódia a uma memória na reflexão sobre a constituição do arquivo, considera necessário tirar a memória afetivo-discursiva do esquecimento. Conforme Silva (2010, p. 12), essa memória seria “[...] convocada em virtude da rememoração dos sentimentos e acontecimentos no ritual de interpelação ideológica da FD de referência”. Isso significa que afetos e saberes convivem e são movimentados na memória, sendo que, no gesto de interpretação, a atualização dos saberes deve ser considerada pela constituição histórica dos enunciados e pelos sentimentos em voga, além de ser o processo de interpelação ideológica um ritual constituído tanto pelo discurso quanto por afetos. Sendo assim, “[...] em AD, a percepção dos discursos pressupõe sujeitos sobredeterminados tanto pela dimensão sócio-histórico-ideológica, como pela dimensão psíquica” (SILVA, 2010, p. 42), e a memória seria lugar propício para essa articulação. A memória é, então, histórica, simbólica e afetiva, ou seja, articula Imaginário, Simbólico e Real.

Passamos, então, a pensar a constituição do arquivo relacionada à memória afetivo-discursiva. Esse espaço de presença de saberes parece mais instável e com maior possibilidade de falhas ao se considerar essa outra memória, que também diz respeito a uma relação com a estrutura psíquica do sujeito. Isso corrobora o assumido na Análise de Discurso com relação ao arquivo, ou seja, à idéia de que ele não é completo. Essa incompletude é necessária, pois seus espaços possibilitarão a deriva, a releitura.

É possível utilizar uma metáfora para melhor explicitar esse quadro. Um álbum de fotografias, por exemplo, pode ser compreendido como um arquivo; no entanto, esse arquivo não lembra todos os momentos vivenciados por determinado sujeito. Tudo o que não foi lembrado através das fotos faz o arquivo significar, ou seja, os sentidos ligados aos afetos não estão evidentes, mas atuam na interpretação da materialidade imagética toda vez que o sujeito retorna ao arquivo, e essa atuação é dependente da memória afetivo-discursiva.

Em cada retorno ao arquivo, diferentes fragmentos da memória afetivo-discursiva fazem circular saberes e afetos, existindo sempre uma nova interpretação do que está sendo olhado. Pensando no exemplo de análise trazido para o presente trabalho, afirmamos que a entoação do hino do Corpo de Bombeiros pelos formandos, toda vez que for escutada, também colocará em movimento diferentes ecos de uma memória incompleta, que, por assim ser, permite o encontro com esquecimentos que funcionam como memória em outras regiões do interdiscurso.

Sendo assim, no que tange à prosódia, percebe-se a necessidade de uma ligação da constituição do *corpus* com a memória afetivo-discursiva na análise dos enunciados. Como já foi mencionado anteriormente, aí se percebe uma diferença na relação entre o sujeito e a história, e essa relação abre mais espaço para a emergência da singularidade no discurso. Parece que essa singularidade pode estar mais ligada aos afetos atualizados da memória afetivo-discursiva. Todo o processo de produção e circulação do discurso é, então, afetado, pois a interpretação também passará por esse filtro tanto ideológico quanto afetivo.

Outra metáfora pode fazer parte da presente reflexão. Quando um autor escreve o texto de uma peça de teatro ou um roteiro de cinema, cabe ao ator associar a materialidade escrita às características da sua personagem, realizando, assim, uma interpretação. Tem-se que a prosódia revela as idiossincrasias da personagem e, portanto, funciona como elemento fundamental para a interpretação do ator. O ator interpreta e transforma o arquivo escrito, e isso só é possível pela materialidade prosódica. Revelar os traços da personagem através da prosódia é fundamental para se ter uma boa interpretação de determinado papel.

No entanto, o gesto de interpretação não é consciente. Devido à relação com a memória afetivo-discursiva, também existe um papel muito importante operado pelo inconsciente. Essa interpretação do arquivo pelo inconsciente, o olhar do analista em determinado aspecto do arquivo, é, fundamentalmente, determinada pelo inconsciente em consonância com a ideologia. Aí se justifica a necessidade de se considerar uma memória afetivo-discursiva, visto que a ilusão de completude (do imaginário) se desfaz sempre que o sujeito tenta alcançar um sentido que não está previsto, buscando chegar ao real. Isso revela que há uma maior relação entre aquilo que é da ordem dos afetos com a impossibilidade de simbolização. A prosódia pode dar pistas dessa tentativa do sujeito de ir ao encontro do real, daquilo que sempre será inapreensível linguisticamente.

Pode ser trazida a afirmação de Orlandi (2005, p. 10). A autora diz que “[...] o sujeito é determinado pela exterioridade, mas, na forma-sujeito histórica que é a do capitalismo, ele se constitui por esta ambigüidade de, ao mesmo tempo, determinar o que diz. A formulação é o lugar em que esta contradição se realiza”. Nesse sentido, os enunciados selecionados da entoação do hino do Corpo de Bombeiros pelos formandos reflete essa premissa da Análise de Discurso: enquanto o primeiro enunciado do hino foi entoado de acordo com as expectativas da exterioridade, o enunciado “Nem um passo daremos atrás” é caracterizado por um movimento do sujeito em direção à ideologia, possibilitando com que ele determinasse os sentidos que entrariam em circulação. Tal é a importância de se considerar a prosódia: ela pode ser compreendida como lugar propício de emergência de uma forma material que possibilita a transformação do repetível através do desejo, da singularidade.

O hino entoado em um momento em que os bombeiros do Rio de Janeiro questionam o processo de interpelação ideológica ao qual estão assujeitados traz uma diferença. As condições de produção são outras, e elas influenciam na leitura do arquivo e na seleção do *corpus* a ser objeto de estudo do analista de discurso. Por isso optamos por fazer uma comparação entre os elementos prosódicos materializados pelos sujeitos em dois enunciados distintos na entoação do hino.

Levamos em consideração as reflexões de Ernst (2009, p. 2) a respeito de questões metodológicas na AD. Excesso, falta e estranhamento seriam três elementos que poderiam ser observados no arquivo para que ele se tornasse *corpus*. Segundo a autora,

[...] numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do *corpus*.

Finalizando a reflexão sobre a deriva ocorrida na entoação do hino pelos formandos do Corpo de Bombeiros, afirmamos que o estranhamento em relação à forma como o hino geralmente é entoado em um determinado verso permitiu o questionamento sobre a relação daqueles sujeitos com a história. Assim, foi possível identificar o modo como eles estavam na história se inscrevendo, bem como a importância de a memória afetivo-discursiva ser considerada na análise de diferentes materialidades, sendo a prosódia um lugar privilegiado do encontro do desejo com a ideologia e com a transformação no eixo da repetibilidade.

A fim de encerrar a presente discussão, trazemos o exemplo do próprio Jacques Lacan para refletir ainda um pouco mais sobre a relação entre prosódia e arquivo. Roudinesco (2006, p. 23) revela que “[...] a obra de Lacan é oral e, durante vinte e seis anos, foi enunciada através de uma palavra viva, ao longo de todo o famoso Seminário”. A partir de 1973, Jacques-Alain Miller, genro de Lacan, passou a fazer a transcrição das conferências. Isso significa que todos os seminários proferidos por Jacques Lacan não foram por ele materializados na escrita, mas na oralidade. As conferências que ele ministrava eram todas transcritas e corrigidas, nunca tendo passado pelo escrito. No entanto, o arquivo é escrito.

Pensando nisso, trazemos Dias (2005, p. 43-44), quando a autora trata da reflexão teórico-metodológica em história oral e em sua transcrição. Ela menciona que “[...] é a gestualidade da voz, da pausa, da hesitação, da gagueira, do esquecimento, da interrupção pelo entrevistador, do que perguntar, quando e como, enfim, a gestualidade do ritual da entrevista e de suas implicações na leitura do arquivo que são postas em questão”. Sendo assim, pode-se questionar: com que ouvidos Lacan teria sido escutado se o seu arquivo fosse voz?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel Pêcheux (1981, p. 13), na abertura do colóquio *Matérialités discursives*, afirma: “[...] o que faz irrupção no espaço da repetição discursiva [...] não resulta de qualquer ruptura, torção ou retorno”, por isso os efeitos discursivos emergem de uma materialidade específica. Pensar sobre novas materialidades exige deslocamentos de fronteiras entre as disciplinas; porém, esses deslocamentos não operam fora de uma relação com a história, por isso não podem ser quaisquer.

O presente trabalho, ao refletir sobre elementos de ordem prosódica no funcionamento discursivo e na constituição do arquivo, buscou suporte na base marxista Análise do Discurso. Na ordem do real encontramos subsídios materiais para a emergência de novos questionamentos que colocam a teoria em xeque, e permite, sempre, deslocamentos em função da prática.

Com base no aporte teórico-metodológico da AD, pensamos sobre a materialidade prosódica na constituição do arquivo, buscando caracterizar essa outra forma material da ideologia. Contudo, ao estabelecer as relações necessárias para o desenvolvimento da reflexão, descobrimos a necessidade de vínculo entre prosódia, arquivo e memória afetivo-discursiva, provocando uma *irrupção no espaço da repetição discursiva* no seio da própria AD. Ao considerar os afetos e os saberes atuando na memória, foi possível trazer mais espaço para se pensar sobre a singularidade na constituição do discurso e na transformação dos saberes que determinam os sujeitos.

As questões que nortearam a reflexão foram sendo respondidas ao longo do trabalho, principalmente a partir do exemplo trazido do hino entoado pelos formandos do Corpo de Bombeiros. A forma fonético-fonológica do discurso possui importância crucial para a constituição do arquivo, visto que pode ser ponto de deriva e, por ser opaca, permite o surgimento de mais de uma interpretação, e seu lugar é oferecido pela série não só léxico-sintaticamente determinada.

No entanto, tais considerações podem trazer mais conflito para o analista de discurso. Por não conseguir *enxergar* a materialidade com a qual trabalha, seu esforço em tirar da evidência o processo de produção dos sentidos acaba sendo dependente de vários retornos à voz, cujos ecos significam diferentemente a cada escuta. Isso só é possível por não se considerar a audibilidade do arquivo como fechada, mas sempre aberta para um retorno, para uma nova escuta. Com o auxílio da fonologia prosódica, há a possibilidade, como se viu, de representar os recursos empregados na voz. Basta escutá-los (e ouvi-los).

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 243-256.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Trad. Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- DIAS, C. Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à rede de sentidos. In: GUIMARÃES, Eduardo; BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose. (Org.) *Memória e sentido*. Campinas: Pontes, 2005. p. 41-56.
- DOROW, C. M. F. *A ironia no discurso do tribunal do juri – Um fazer marcado pela prosódia*. 2002. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.
- ERNST, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, IV., 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: SEAD, 2009. p. 01-06.
- FERREIRA, M. C. L. O lugar da sintaxe no discurso. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 60-66.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni et al. (Org.). *Gestos de leitura: da história ao discurso*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 161-184.

INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon* 35, Porto Alegre, v. 17, 2003.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

MITTMANN, S. Redes de ressignificações no ciberespaço. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPAR, Nádea Regina. *Discursos midiáticos: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 113-130.

NEM UM passo daremos atrás, 6 jun. 2011. Disponível em < http://www.youtube.com/watch?v=fY_Y_fZKPIQ>. Acesso em: 15.mar.2015.

PÊCHEUX, M. Ouverture du colloque. In: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel. *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 15-18.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2007. p. 49-58.

_____. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni et al. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 49-60.

PIOVEZANI, Carlos. *Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GALLI, Fernanda Correa Silveira; PATTI, Ane Ribeiro. Arquivo em cena: “im-pressões” de leitura sobre o tema. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v.6, n.1, p. 123-134, jan./jun. 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SILVA, R. S. *O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT*. 2010. 200 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010.

SOLER, Colette. O “corpo falante”. *Caderno de Stylus*, n.1, maio 2010.

SOUZA, Pedro de. *Michel Foucault: O trajeto da voz na ordem do discurso*. Campinas: Editora RG, 2009.

VICTOR, Duilo. Formatura de bombeiros militares gera mal estar em Guadalupe. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/07/07/formatura-de-bombeiros-militares-gera-mal-estar-em-guadalupe-924861059.asp>> Acesso em: 8 julho 2011.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Arquivo jurídico e exterioridade. A construção do *corpus* discursivo e sua descrição/interpretação. In: GUIMARÃES, Eduardo; BRUM-DE-PAULA, Mirian. *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, 2005. p. 93-118.

Recebido em 04/12/2015. Aceito em 16/02/2016.

ANEXO A - Notícia referente à formatura dos bombeiros**Formatura de bombeiros militares gera mal estar em Guadalupe****Plantão** | Publicada em 07/07/2011 às 19h16m*Duilo Victor*

RIO- A cerimônia de formatura de 63 cabos do Corpo de Bombeiros do Rio, no quartel de Guadalupe, na Zona Norte, causou mal estar entre oficiais de alto escalão da corporação, inclusive o comandante-geral, coronel Sérgio Simões, que estava no evento. Durante a solenidade, os formandos cantaram o hino do Corpo de Bombeiros de forma agressiva e inadequada, conforme descreveu a própria instituição militar.

O hino fora do tom gerou constrangimento aos oficiais do Curso Superior de Comando e alguns deles deixaram a cerimônia antes do fim, realizada na quarta-feira. Em resposta, o comando-geral determinou que cada um dos 63 militares preenchessem um memorando para alegar os motivos da irregularidade. Os militares têm até esta sexta-feira para entregarem a defesa.

Leia mais sobre esse assunto em <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/07/07/formatura-de-bombeiros-militares-gera-mal-estar-em-guadalupe-924861059.asp#ixzz1SkYKVI4D>

© 1996 - 2011. Todos os direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A.

ANEXO B - Hino do Corpo de Bombeiros

Contra as chamas em lutas Ingentes,
Sob o nobre o alvi-rubro pendão,
Dos soldados do fogo valentes,
É, na paz, a sagrada missão.
E se um dia houver sangue e batalha,
Desfraldando a auri-verde bandeira,
Nossos peitos são férreas muralhas,
Contra audaz agressão estrangeira,

Missão dupla o dever nos aponta
Vida alheia e riquezas a salvar
E, na guerra, punindo uma afronta,
Com valor pela Pátria lutar.

Auri-fulvo clarão gigantesco,
Labaredas flamejam no ar,
Num incêndio horroroso e dantesco,
A cidade parece queimar,
Mas não temem a morte os bombeiros
Quando ecôa d'alarme o sinal,
Ordenando voarem ligeiros,
A vencer o vulcão Infernal.

Missão dupla o dever nos aponta
Vida alheia e riquezas a salvar
E, na guerra, punindo um afronta,
Com valor pela Pátria lutar.

Rija luta aos heróis aviventa,
Inflamando em seu peito o valor,
Para frente o que importa a tormenta,
Dura marcha ou de soes a rigor?
Nem um passo daremos atrás,
repelindo, inimigos canhões,
Voluntários na morte na paz,
São na guerra indomáveis leões.

Missão dupla o dever nos aponta
Vida alheia e riquezas a salvar
E, na guerra, punindo um afronta,
Com valor pela Pátria lutar.